

## Balbúrdia

Em abril de 2019, o Ministério da Educação, fez uma declaração que faria um corte considerável de verba nas universidades públicas que estivessem promovendo a balbúrdia. Talvez o atual governo não tenha sido informado, mas para o ambiente universitário, a problematização das normas e do status quo são elementos determinantes à manutenção do seu funcionamento com alguma dignidade. Ou de outra maneira, é possível considerar que o questionamento, quando lúcido, faz parte da consolidação do posicionamento crítico; eixo imprescindível para a construção da ciência e do pensamento em quaisquer estabelecimentos de ensino. E obviamente, não se trata aqui de uma postura político-partidária, mas de uma forma de operacionalização natural e consideravelmente sadia.

A questão é que infelizmente, a universidade tem sido alvo de diversos ataques pelas mais diversas instâncias de poder, fazendo uso de justificativas inaceitáveis que encobrem o fato que a fragilização do ensino gratuito e de qualidade é parte de uma estratégia de desestabilização política e demolição de qualquer polo de produção de saber que auxilie na construção subjetiva e preze por uma autonomia da opinião pública.

Tal proposta guarda outro objetivo mais grave: potencializar e legitimar uma ignorância generalizada que termina por pasteurizar toda e qualquer matiz de percepção e cuidado de si, para que a dissimulação de fatos, o nublamente de questões primordiais e em última instância, a produção massiva de massa de manobra aliada ao movimento galopante das mídias em seu regime de pós-verdade possam ocorrer sem maiores obstáculos. Em termos superficiais, a tática é historicamente conhecida: levar a instituição à inanição para que o regime antidemocrático seja mantido, da mesma forma que o protecionismo econômico das classes dominantes.

Considerando as experiências anteriores da década de 1960, sabemos que as circunstâncias são ligeiramente diferentes. Trata-se de uma relação um pouco

menos explícita e consideravelmente mais perversa dentro de um regime neoliberal que no caso do Brasil, tende a estabelecer vínculos precisos com o capital internacional, promovendo concessões inaceitáveis e escancarando o território brasileiro à exploração desenfreada e ao seu conseqüente desaparecimento.

Por outro lado, o ambiente universitário conseguiu, apesar do preço alto bem pago, um certo fortalecimento de seus agentes e de suas redes de contato. A abertura da universidade e a potencialização do seu regime democrático, estabeleceu vínculos mais potentes com as discursividades minoritárias, através de um conjunto de ações, como por exemplo, o regime de cotas, no qual a UERJ é uma das pioneiras no Brasil. Exatamente por isso decidimos nesse número, explicitar parte da pesquisa dos nossos mestrados e doutorandos realizados nos últimos anos, bem como de outras universidades, endossando nossa parceria conjunta, nossa solidariedade e a certeza de que de fato, a única balbúrdia que somos capazes de produzir, é a da reinvenção dos nossos saberes em busca de uma profundidade que nos honre como nação; seja lá o que isso for.

Alexandre Sá

